

Da infância e das infâncias

From childhood and from childhoods

Ângela Pinheiro*

RESUMO: O texto representa mais um esforço da autora de ampliar a compreensão dos significados atribuídos às infâncias. Desta feita, tal compreensão é perseguida através do conteúdo de mais um texto literário, objeto de sua análise, o romance *Infância*, do escritor sulafricano John Coetzee, classificado como ficção autobiográfica. O esforço interpretativo da autora deste artigo centra-se nas peculiaridades da infância do protagonista, John Coetzee, e de sentimentos e emoções mais recorrentes, no decorrer do romance.

Palavras-chave:
Infâncias;
John Coetzee;
Sentimentos e
Emoções.

P alavras Iniciais

De há muito, consolidam-se em mim idéias e sentimentos de que são tantas as infâncias com as quais convivemos, que me parece cada vez mais absurdo, e mesmo inadequado, tratar esse segmento social de forma homogênea, tanto na esfera privada como na pública da vida social. A diversidade de contextos e temporalidades históricas aponta para a também diversidade, de forma incomensurável, das vivências da infância. De conseqüência, é preciso tornar cada vez mais atento e delicado o trato dispensado às crianças, quer no âmbito da convivência cotidiana com elas, no espaço privado ou das instituições, quer na formulação e execução das políticas públicas que tenham alguma implicação para tais sujeitos sociais.

1 Apóio-me nas idéias de Martin-Baró (1989), para reconhecer a importância de não nos paralisarmos na visão que temos de determinado contexto por nele estarmos inseridos. Há, portanto, a necessidade de não presumir que “o fato de fazermos parte de determinado contexto, o torna suficientemente conhecido ou que nele viver o converte, automaticamente, no referente de nossa atividade profissional” (1989: 01).

2 Reconheço na literatura um campo de saber, organicamente constituído, que contribui para a construção e desconstrução de significados sociais de atores, instituições e fenômenos. Na literatura, há o exercício do simbólico, constituindo-se, assim, como produtora de sentidos também sobre a infância e a adolescência. Desta forma, o campo da literatura participa, ativamente, da vida social, a partir do conteúdo de suas obras e da interpretação que delas fazemos, com implicações incontestáveis na dinâmica cultural e das relações interpessoais, e mesmo institucionais, particularmente as de caráter educacional, que vão muito além das redes de ensino.

Com essa perspectiva, tenho, nos últimos tempos, me interessado particularmente em aprofundar o meu olhar sobre outras infâncias, tanto no próprio País – considerando diversificados contextos e temporalidades históricas, como em outros países. Busco, assim, ampliar a minha visão de infância, para além do que me é particularmente familiar, num esforço analítico de desvendar mais e mais a realidade em que me insiro, bem como realidades outras, que ultrapassem os limites temporais e contextuais do Ceará e mesmo do Brasil¹.

Move-me a vontade de me encharcar de infâncias, de suas invenções cotidianas, das nuances que ressaltam na interpretação que diversificados atores sociais fazem da infância, de sua vivência, de sua constituição.

Até o presente momento, tomei como fontes obras literárias² brasileiras e estrangeiras³. Tenho claro que esses textos são relatos tardios sobre as infâncias, ou seja, nenhum deles refere-se ao relato de uma vivência imediata da criança: são discursos escritos por adultos concernentes às infâncias, sejam de caráter autobiográfico ou não. Tal perspectiva não traz em si menos valia, e apenas é importante atentar para a peculiaridade.

Assim, efetivei já algumas leituras críticas sobre as seguintes obras, procurando dar visibilidade às análises por mim efetivadas, através da divulgação em periódicos e sítios eletrônicos, a saber:

- “Os Meninos da Rua Paulo”⁴, romance do húngaro Ferenc Molnár, escrito em 1904, aborda basicamente a disputa de território por dois grupos de adolescentes em Budapeste (Pinheiro, 2009);

- “A Negrinha”⁵, conto de Monteiro Lobato, escrito em 1923, que traz o cotidiano de uma criança negra órfã, na casa de uma patroa branca e déspota (Pinheiro, 2010a);

- “Capitães da Areia”⁶, romance de Jorge Amado, escrito em 1937, sobre o dia-a-dia de crianças e adolescentes de rua, na cidade de Salvador (Pinheiro, 2010b)⁷.

Infância, ficção autobiográfica de John Coetzee

Debruço-me, agora, no texto do romance “Infância- Cenas da Vida na Província” (título original: “Boyhood – Scenes from Provincial Life”)⁸, do sul-africano J. Coetzee. Escrito em 1997, o texto é classificado pela editora Companhia das Letras como “ficção autobiográfica”, e integra uma trilogia,

juntamente com “Juventude” e “Verão”. Autor contemporâneo, nascido em 1940, Coetzee recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 2003.

O personagem central de *Infância* é nominadamente o próprio autor, John Coetzee, e o enredo faz referências a acontecimentos de sua vida entre os dez a treze anos de idade. Um menino de olhos azuis claros, filho de uma descendente de alemães e de um pai de origem africânder⁹.

O texto é todo escrito na terceira pessoa. Distanciamento de si próprio? Coerência com a “ficção autobiográfica”? Qualquer resposta minha seria mera elucubração. Prefiro discorrer um pouco sobre o que me chamou atenção no livro, a partir de um lugar social específico, que estou ocupando: não sou especialista em análise de textos literários. Move-me, sobretudo, o interesse pelas infâncias e a bagagem que venho acumulando de reflexão e vivência com dimensões diversas das também várias experiências de infância.

As relações étnicas perpassam o texto de Coetzee: negros, africânderes, ingleses são apresentados pelo autor com peculiaridades e também com conflitos entre eles. Além disso, os conflitos externos parecem lhe invadir: afinal, Coetzee traz em si a confluência de diferentes etnias. Os negros são em geral apresentados, no livro, como constituintes de classes subalternas. Há uma passagem representativa desse pensamento; é a referência ao menino Eddie, negro de apenas 7 anos, que, segundo o autor, “veio trabalhar para eles [sua família]: o acordo foi feito entre a mãe de Eddie (“Na casa da mãe de Eddie não há lua elétrica, O teto vaza, todo mundo está sempre tossindo” – p. 71) e tia Winnie [tia da mãe de John, ou seja, sua tia avó]... Em troca de lavar pratos, varrer e encerar, Eddie moraria com eles em Rosebank com direito às refeições, e, no dia primeiro de cada mês, enviariam à mãe dele um vale postal de duas libras e dez xelins” (p. 69). É uma clara e incontestável evidência do trabalho infantil, com sua face de exploração e de negação da infância. A aquiescência envolve diversos atores: a mãe de Eddie, a tia avó de John e sua mãe. É a venda barata? Não sei responder, pois não posso avaliar o que significa, no contexto do enredo do livro, a quantia mensal acertada pelo trabalho de Eddie, da força de trabalho de uma criança de sete anos. O desfecho dessa experiência de negação da infância é a fuga de Eddie, que foi encontrado, nas imediações da cidade, não pela polícia, chamada pela família de John, mas por um amigo de seu pai, “que o arrastou de volta, chorando e esperneando sem pudor, e trancou-o no velho observatório no quintal dos fundos” (p. 69). Antes de ser mandado de volta, o mesmo amigo aplicou-lhe castigo “pelo problema que Eddie tinha causado: ter de chamar a polícia, estragar (*sic*) a manhã de sábado” (p. 70). John espiou a aplicação do castigo: Eddie foi segurado pelo adulto (o amigo da família que o capturou) pelos dois pulsos, e açoitado com uma tira de couro nas pernas nuas. A criança “uivava e dançava”, banhado em lágrimas

3 Em momento bem anterior, fiz uma incursão, de caráter exploratório e muito introdutório, no campo da poesia, buscando localizar, em produções de poetas brasileiros e estrangeiros, como a infância e a adolescência, como crianças e adolescentes faziam-se presentes (Pinheiro, 1989).

4 Trabalhei com a seguinte edição: Molnár, F. (2005) *Os Meninos da Rua Paulo*. Tradução: Paulo Rónai. São Paulo: Cosac Naify.

5 O conto dá nome à edição seguinte: Lobato, M. (1994) *A Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, p. 21-28.

6 Minha leitura foi feita na edição que se segue: Amado, J. (2009). *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras.

7 Logo após o final do texto do livro, na edição por mim lida, há uma nota de Zélia Gattai Amado, esposa de Jorge Amado, que afirma: “A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever *Capitães da Areia*, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isso ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história” (Amado, 2009: p. 262).

e ranho. É a aplicação desenvolta da violência física, aliada à exploração do trabalho infantil, a uma criança de segmento sócio-econômico subalterno. E o reformatório é o futuro imediato imaginado pela mãe de John para Eddie. Diante da pergunta de por que isso aconteceria, a mãe responde a John: “Pessoas como ele sempre acabam num reformatório, e depois na prisão” (p. 72).

Duas ou mais infâncias... Aqui, duas se confrontam e se diferenciam, tendo como pano de fundo a raça e a situação sócio-econômica. De qualquer modo, a peculiaridade do pensamento de John, em relação à sua mãe, se manifesta, quando ele afirma não entender a sua amargura (da mãe) em relação a Eddie.

Os estigmas interétnicos também se manifestam, quando o pai de John, numa referência a Eddie, diz que os negros têm a cabeça mais dura que a dos brancos, o que lhes traria vantagem no boxe, e desvantagem no rúgbi, no qual nunca serão bons. “No rúgbi, você tem que pensar rápido, não pode ser um cabeça-dura” (p. 71). Num país, como a África do Sul, marcado pelo apartheid oficial, até bem poucos anos, a depreciação, a menos valia, que não surpreende, é do negro em relação ao branco. Há uma passagem que parece manifestar um estranhamento de um negro sobrepor-se a um branco, quando o autor faz uma referência a um amigo de seu pai: *Embora o Sr. Golding seja negro*, de certa forma ocupa uma posição de poder sobre o pai (do autor) (p. 143) (grifo meu).

Há, outrossim, alusões a diferenças de classes, que se concretizam, por exemplo, na freqüência a determinados estabelecimentos escolares, que parece obedecer a uma classificação prévia por classes sociais de seus alunos, como revela a observação seguinte do autor:

O que estão percebendo, ele e a mãe, é que na Cidade do Cabo pessoas de classes diferentes freqüentam escolas diferentes. A St Joseph’s atende a uma classe que, se não é a inferior, é a segunda de baixo para cima. Ele não tem certeza a que classe pertencem (ele e sua família), onde se encaixam. (p. 124).

A aceitação de estudantes nas escolas obedece a critérios que incluem não somente classes sociais, mas igualmente a origem étnico-nacional, que pode ser impeditiva para a freqüência a determinadas escolas:

O pai de Theo (seu colega na Escola St Joseph’s) tem uma fábrica. O que exatamente ele fabrica ninguém sabe, mas tem algo a ver com peixe. A família mora numa casa grande na parte mais rica de Rondebosch (na Cidade do

8 Efetivei a leitura do texto da seguinte edição: Coetzee, J.M. (2010). *Infância*. Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras.

9 Trata-se do sul-africano branco, em geral descendente de holandeses (Ferreira, 2004)

Cabo). *Eles têm tanto dinheiro* que os meninos poderiam frequentar o Colégio Diocesano, *não fosse pelo fato de serem gregos*. Porque são gregos e têm um nome estrangeiro, precisam ir à St Joseph's, que, agora ele percebe, é uma espécie de cesto que recebe meninos que não se encaixam em nenhum outro lugar. (p. 135) (grifos meus).

A Infância de John Coetzee: Peculiaridades

Atenho-me agora a algumas peculiaridades da infância do protagonista do livro, John Coetzee, a passagens que se referem a comportamentos e sentimentos de John, que me chamaram a atenção:

- há diversas referências, a um universo relacional muito reduzido, circunscrito à família, e os impactos no estar no mundo de John, como um explícito constrangimento da criança quando se depara com a convivência com pessoas de um círculo social fora de sua família. O excerto a seguir é ilustrativo:

Fora do círculo de parentes, eles têm pouco contato social. Nas ocasiões em que aparecem estranhos, em casa, ele e o irmão fogem como bichos, depois se esgueiram de volta para espreitar atrás das portas e escutar a conversa. (...) Ele evita as conversas educadas, porque as fórmulas ‘Como vai você?’, ‘Como está indo na escola?’, o deixam perplexo. Sem saber as respostas certas, murmura e gagueja como um idiota. E, no fim, não se envergonha de sua selvageria, da impaciência com o ritmo dócil dos diálogos polidos”. (p. 73);

E o autor resume essa estreiteza de relacionamentos: “Em vez de amigos, eles têm uma família” (idem);

- há uma singularidade imensa na manifestação de amor do autor pela fazenda de família do pai, que ele compara com o amor que sente por sua mãe. Aliás, uma das raras manifestações de sentimento agradável por John:

A palavra secreta e sagrada que o liga à fazenda é pertencer. Sozinho na savana, ele pode pronunciar alto: *Eu pertencço a este lugar*. O que ele realmente acredita, mas não pronuncia, e guarda para si mesmo por medo de que o encantamento acabe, é uma forma diferente da frase: *Eu pertencço à fazenda*. (p. 89) (grifos no original).

Tal sentimento de pertença à fazenda, de amor, é reiterado em outro trecho: “É inconcebível que outra pessoa possa amar tanto a fazenda quanto. Mas ele não pode falar sobre esse amor, não apenas porque pessoas normais não falam sobre essas coisas, mas porque confessá-lo seria uma traição a sua mãe”. (p. 75) A comparação entre os dois amores (pela fazenda e pela mãe) de John é explícita no texto a seguir: “Tudo que é complicado no amor pela mãe é descomplicado no amor pela fazenda” (p. 74). Ademais, John reconhece-se como fruto de uma dupla maternidade: “Ele tem duas mães. Nasceu duas vezes: de uma mulher e da fazenda. Duas mães e nenhum pai” (p. 89);

- a última frase acima anuncia a abissal dificuldade de John em relação a seu pai, a quem ele, em alguns momentos, refere-se como “*aquele homem*”. Há o desejo de John pela morte do pai (“Seria possível que, maravilha das maravilhas, ele tenha cometido suicídio?” (p. 144); e o registro explícito da intensidade de seus sentimentos em relação ao pai, num contexto de bebida e dívidas contraídas:

Ele sente raiva o tempo todo. *Aquele homem*, é como se refere ao pai quando fala com a mãe, com ódio demais para lhe chamar por um nome: por que temos alguma coisa a ver com *aquele homem*? Por que você não deixa *aquele homem* ir para a prisão? (p. 142-143) (grifos no original);

- o amor pela mãe faz-se presente em todo o texto, em geral de forma conturbada. Uma das manifestações dessa conturbação é o medo de John do julgamento da mãe, pelo conhecimento que tem dele, e também o temor pela possibilidade que sua mãe deixe de amá-lo, em consequência desse julgamento. Mais do que minha análise, creio que a palavra de John pode trazer a força desse sentimento que lhe identifica em relação a sua mãe:

É isso que ele teme nela, na pessoa que mais o conhece no mundo, que tem a enorme vantagem de saber tudo sobre seus primeiros anos de vida, os mais desprotegidos e íntimos, anos dos quais ele não se lembra. (...) É ela quem provavelmente também sabe, já que é inquisitiva e tem suas próprias fontes, dos segredos corriqueiros da vida escolar dele. Ele teme seu julgamento. Teme os pensamentos frios que devem passar pela cabeça dela em momentos como este, quando não há paixão para lhes dar cor, nem motivo para que o julgamento não seja absolutamente claro; sobretudo, ele teme o momento

que ainda não chegou, em que ela irá proferir seu julgamento. (...) Essa mulher não foi trazida ao mundo com o único objetivo de amá-lo e protegê-lo e satisfazer as necessidades dele. (...) mas ela decidiu amá-lo e portanto pode decidir deixar de amá-lo.” (p. 147)

E John manifesta uma oposição a esse julgamento de sua mãe, em relação a ele: “Não aceitará a visão que ela quer lhe impor: sóbria, decepcionada, desiludida”. (idem);

- há uma prima, Agnes, destacada por John em sua conturbada infância, a única pessoa a quem John conta de si, e conta tudo, como diz na passagem seguinte:

Agnes ocupa um lugar em sua vida que ele ainda não compreende. (...) Poucos meses mais velha que ele, Agnes foi designada sua companheira. (...) Começaram a conversar. (...) Ele perdeu a timidez. Ao falar, esqueceu qual língua estava usando: os pensamentos simplesmente se transformavam em palavras, palavras transparentes. O que disse a Agnes naquela tarde, já não pode lembrar. Mas disse tudo, tudo mesmo, tudo o que sabia, tudo o que desejava. Ela ouviu em silêncio. E, enquanto ele falava, sabia que o dia era especial por causa dela. (...) Estar com ela é diferente de estar com os colegas de escola. Tem algo a ver com a suavidade dela, sua disposição para escutar, mas também com as pernas morenas e esguias, os pés descalços, seu modo de dançar de pedra em pedra. (p. 87-88).

Há, contudo, um interdito para esse amor, que ele nem bem sabe se está em si em relação a Agnes: “Ela é sua prima-irmã; portanto, não podem se apaixonar e casar. De certo modo isso é um alívio: ele pode ser amigo dela, abrir o seu coração” (p. 88). As dúvidas, tão presentes no mundo interior de John, também estão presentes em relação aos seus sentimentos por Agnes, ao mesmo tempo em que John traz-nos uma significação para o amor, imensamente bonita: “Mas estaria apaixonado por ela de qualquer maneira? Seria isso o amor – aquela generosidade fácil, aquela sensação de ser finalmente compreendido, de não ter de fingir?” (p. 88);

- John está sempre receoso de receber reprimendas na escola. Faz tudo o que pode para evitá-las. O medo de sentir vergonha parece deixá-lo

ansioso, e também o leva a tomar cuidados cotidianos. Um deles é seu empenho em chegar à escola na hora. Assim, John cronometra cada etapa do percurso a partir de casa, com uma folga enorme de tempo:

Para chegar à escola a tempo, às oito e meia, precisa sair de casa às sete e meia: meia hora andando até a estação, quinze minutos de trajeto de trem, cinco minutos a pé da estação até a escola, e dez minutos de folga, no caso de acontecer algum atraso. *Mas como ele tem medo de se atrasar*, sai de casa às sete e chega à escola às oito. Lá, na classe que o zelador acabou de destrancar, senta-se na carteira com a cabeça pousada nos braços e *espera*. (p. 124) (grifos meus);

- ainda sobre a relação de John com a escola, destaco que ele declarou-se católico em um dos estabelecimentos nos quais estudou, apesar de sua família não professar religião, para se ver incluído em algumas atividades escolares e não ser excluído de outras. Acompanhava-o, contudo, o medo de ser descoberto. O texto de John Coetzee retoma esse sentimento, mesmo após a mudança de seu protagonista para a Cidade do Cabo:

Em Worcester (local de moradia anterior da família de John), ele (John) ia para a escola num estado de apreensão mas também de excitação. É claro, a qualquer momento poderia ser desmascarado como mentiroso (quanto à sua religião), com conseqüências terríveis. *Mas a escola era fascinante: cada dia parecia trazer novas revelações sobre a crueldade, a dor e o ódio que jaziam sob a superfície das coisas*. (p. 127) (grifos meus);

- esse sentimento de John de se sentir atraído pelo lado sombrio dos relacionamentos também atravessa o texto de *Infância*, como pretendo abordar no item que vem em seguida deste artigo.

John Coetzee e os Sentimentos e Emoções de Infância

A propósito, quem é John Coetzee, a partir do conteúdo de *Infância*? Certamente, a resposta é profundamente complexa, como o é, em verdade, o conteúdo do livro. Sobre essa abordagem, opto novamente por apresentar o

que mais me chama a atenção, o que salta aos olhos de minha análise, além do que já destaquei nos tópicos anteriores.

Centro-me, agora, em sentimentos e emoções, e em algumas revelações do próprio autor, sobre características suas:

- John *fica indeciso*. (...) *é precavido demais para protestar ou fazer objeções* (p. 129) (grifos meus). Penso que tal indecisão decorre de tantos temores que habitam John, que lhe retêm, deixando-o muito mais voltado para si mesmo do que para o mundo exterior. Neste sentido, há, por muitas vezes, dificuldades de John de compreender o que outros pensam de si, como é ilustrativo o trecho a seguir: *O menino é especial*, tia Annie disse a sua mãe, e ela lhe contou depois. *Mas especial em que sentido?* Ninguém diz (p. 150) (grifos meus);

- todo o conteúdo de *Infância* passou-me a idéia de um protagonista predominantemente triste, esse sentimento se fazendo presente de maneira muito freqüente e intensa em sua vida, por vezes intimamente articulado com a raiva, o rancor. Tanto assim que me surpreendeu a afirmativa seguinte de Coetzee, de caráter até mesmo poético:

Às vezes a tristeza se dissipa. O céu, que costuma pairar fechado sobre sua cabeça, não perto o suficiente para que possa tocá-lo, mas tampouco muito distante, abre uma fresta, e, durante um instante, ele pode ver o mundo como realmente é. (...) Nesses momentos, ele também pode ver o pai e a mãe de cima, sem raiva: não como dois pesos cinzentos e amorfos sentados em seus ombros, conspirando dia e noite a desgraça dele, mas como um homem e uma mulher vivendo suas próprias vidas cheias de problema e tédio. O céu se abre, e ele vê o mundo como é; depois, o céu se fecha, volta a ser ele mesmo vivendo a única história que admite, a sua própria história. (p. 146) (grifos meus).

Há, portanto, uma familiaridade imensa, uma convivência constante com a tristeza. É, a tristeza de John se dissipa, sim, mas só às vezes, e tão somente durante um instante! Um instante, uma pausa em sua história, por certo triste, difícil, com tantos pesares, raivas e ódios, medos e vergonhas.

Poesia e Austeridade

O texto de Coetzee, em geral árido, seco, tem, contudo, duas passagens poéticas que me encantaram particularmente. Ao se referir ao cemitério

próximo à fazenda da família paterna, diz o autor: “Da terra sai um silêncio profundo, tão profundo que quase parece um murmúrio” (p. 90). Ao discorrer sobre “um jeito típico dos africânderes”, particularmente aos seus colegas de escola, Coetzee afirma:

As vezes, quando sua classe [de John] faz fila no pátio de manhã, ele esquadrinha as fileiras de meninos africânderes, buscando algum que seja diferente, que tenha *um toque de delicadeza*; mas não encontra. É impensável que possa ser atirado entre eles: o esmagariam, *matariam seu espírito* (p.114). (grifos meus)

A infância apresentada é profundamente austera, sisuda mesmo. A presença do medo dá um tom ainda mais sombrio. Raras são as passagens no texto que se referem a diversões, entretenimentos, brincadeiras de infância. Essas últimas, se presentes, no texto, não me dei conta. E terminei a leitura do livro, sentindo sua falta. Quando John, já mais ao final de *Infância*, parece entrar na adolescência, há alusões a tais dimensões de sua vida, mas ditas como passadas, não mais fazendo parte de sua vida:

Pedalar pelas ruas, na verdade, começa a parecer uma idiotice, outras coisas que antes o absorviam também perderam o encanto: construir maquetes com o Pequeno Mecânico, colecionar selos. Ele não compreende mais por que perdia tempo com isso. (...) A única paixão que não diminuiu é a que nutre pelo críquete. Não conhece ninguém tão apaixonado por críquete quanto ele mesmo. (p. 132);

Mesmo diante de tal preferência, a solidão e o medo parecem se fazer dominantes, prevalentes no mundo interior de John:

Já devorou livros sobre o esporte (críquete), conhece de cor os diversos lances, sabe executá-los com os pés na posição correta. Porém, *na verdade, ele prefere o jogo solitário na varanda ao verdadeiro críquete*. A perspectiva de dar tacadas num campo de verdade *o excita, mas também o enche de medo*. *Teme* especialmente os arremessadores velozes: *teme* ser atingido, *teme* a dor. Quando joga críquete de verdade, precisa concentrar toda sua energia para *não vacilar, não se entregar*. (p. 132-3) (grifos meus);

- outros sentimentos surgem em John, quando ele é atingido em jogo de críquete, caindo em campo, dizendo que quer rebater, visto que

considera que “É a coisa certa a dizer, ele sabe: prova que não é *covarde*. Mas não pode rebater, perdeu a vez, outro já está rebatendo em seu lugar”. (p. 133) (grifo meu);

- há, ainda, sentimentos mais complexos e inusuais, em se tratando da memória de uma infância, a saber, o escárnio e a súplica. Eles ficam evidentes no texto, quando do enterro de uma tia avó do protagonista, tia Annie, para o qual ele não queria ir, articulados com a dificuldade de John com a morte e a velhice (“Ele não gosta de pensar na morte. (...) Ele não gosta de corpos velhos e feios” – p. 148). O escárnio é manifestado por ele em relação “às lágrimas que serão derramadas” pelos parentes no funeral de tia Annie, que ele chega a dizer que “deveria ser enterrada num buraco no jardim do lar dos idosos. Seria mais econômico” (idem) do que o enterro decente, programado, segundo John, como “uma forma para que os parentes se sintam bem”. A súplica surge da seguinte forma: “No entanto, ele acaba indo ao enterro de tia Annie com a mãe. Vai porque *ela lhe suplica, e ele gosta que lhe supliquem, gosta da sensação de poder que isso lhe dá*” (idem) (grifos meus). É indubitável que suplicar pode estar associado a uma relação de poder, ao assujeitamento de alguém a outrem, ou seja, como uma manifestação concreta de um processo de sujeição;

- arrependimento e vergonha também têm lugar no conteúdo de *Infância*. Um episódio no qual John subtrai um livro escondido por sua mãe, e o leva para a escola, é ilustrativo. Ao deduzir que um dos professores, Irmão Gabriel, viu o livro em sua carteira, por “sua expressão gélida e reprovadora”, John sente o coração disparar e antecipa a vergonha, ao esperar o aviso por parte do professor. À vergonha, segue-se o arrependimento por ter levado o livro para a escola, que ele devolve ao lugar de esconderijo em que sua mãe o guarda. E, ainda: diz que nunca mais o abriu. Em outro episódio, a estupidez de seu pai faz com que John arda de vergonha. É mais um registro da dificuldade do protagonista com seu genitor, desta feita por achar que um senhor, em cuja companhia o pai costuma beber em um bar, o escolheu “como um imbecil” (p. 140).

Por fim...

Tenho expectativa de ter, sobretudo, instigado o leitor, a leitora, a mergulhar em outras interpretações da infância – campo infinitamente rico, diversificado. Assim, alargamos as nossas próprias análises, incluímos nuances que até

então não considerávamos. Consolidamos a perspectiva da existência de tantas infâncias e, muito mais ainda, interpretações de sua vivência, de estudos e pesquisas sobre elas, preferencialmente investigações em que as crianças participem ativamente, em que as suas vozes se façam presentes, respeitadas, como pode e deve ser, particularmente para quem, como nós, consideramo-las sujeitos de direito e de história.

No mais, fica a sugestão, o convite mesmo à leitura de *Infância*, de J. M. Coetzee, que certamente trará muito mais instigação e reflexão do que a análise circunscrita neste texto por mim elaborado. Nele, quis, sobretudo, publicizar uma interpretação do livro *Infância*, com todos os limites e possibilidades que o meu olhar aponta, alcança e encerra.

Quero também afirmar como foi prazeroso construir este estudo, me deixar surpreender com o conteúdo de *Infância*, assim como já acontecera anteriormente, com *Os Meninos da Rua Paulo*, *Negrinha*, e *Capitães da Areia*; me encantar com as passagens poéticas; me indignar com diversas manifestações de violência e de violações de direitos de crianças e adolescentes, no mais das vezes “passando batido”, ou seja, sem as devidas intervenções que pudessem evitar tais violências e violações, e nem mesmo enfrentá-las e coibi-las. Vi-me, assim, atingida por diversos *sentires*, ao longo da construção destes estudos, constituindo-me, ao mesmo tempo, a partir de tantas infâncias e adolescências.

Com *Infância*, ficam-me, ainda, indagações centrais: onde está John criança no escrito adulto de Coetzee? Como se articulam e se embatem o personagem John e o escritor Coetzee?

Artigo

Recebido: 15/04/2012

Aprovado: 28/05/2012

Keywords:

Childhood; Joe Coetzee, Feelings and Emotions.

ABSTRACT: This paper represents the author’s latest effort to broaden the understanding of the meanings attributed to the childhoods. At this time, such understanding is pursued through the contents of another literary text, the object of its analysis, the novel *Infância*, from the South African writer John Coetzee, classified as autobiographical fiction. The author’s interpretative effort focuses on the peculiarities of the protagonist’s childhood, John Coetzee, and the more recurrent feelings and emotions in the course of the novel.

Referências

AMADO, J. (1937/2009). *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras.

COETZEE, J. (1997/2010). *Infância*. Tradução: Luís Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras.

FERREIRA, A. B. de H. (2004). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3^a. Ed. Curitiba: Editora Positivo.

LOBATO, M. (1923/1994). Negrinha. In: Negrinha. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 21-28.

MARTIN-BARÓ, I. (1989) O Papel do Psicólogo. Boletim de Psicologia UCA. São Paulo, V. 3, no. 17, p. 99-112.

MOLNÁR, F. (1904/2005). Os Meninos da Rua Paulo. Tradução: Paulo Ronái. São Paulo: Cosac Naify.

PINHEIRO, Â. de A. A. (1989). A Criança e o Adolescente na Poesia. Fortaleza: NUCEPEC/UFC e Pastoral do Menor da Arquidiocese de Fortaleza (mimeo).

_____ (2009) Os Meninos da Rua Paulo. www.cedecaceara.org.br (23.01.2009).

_____ (2010a) Negrinha, qual é o teu nome? Fortaleza: Jornal O Povo, Caderno do Leitor, 16.01.2010, p. 2.

_____ (2010b) Capitães da Areia: Apontamentos de uma Leitura Crítica. www.cedecaceara.org.br (29.01.2010).